

introdução ao Pensamento Contemporâneo

Tópicos | Ensaios | Documentos

“... O maior e mais conhecido de todos os Ex-libris da «Lusófona» é, sem dúvida, a existência obrigatória, em todos os seus cursos de Humanidades e Tecnologias, da cadeira intitulada «**Introdução ao Pensamento Contemporâneo**», cujas razões e finalidades são assim programaticamente caracterizadas: razão-finalidade humanisto-cultural, razão-finalidade luso-lusófona, razão-finalidade científico-epistemológica e razão-finalidade epistemático-paradigmática.

Uma das linhas mestras de tal disciplina é a famosa sentença de Abel Salazar: «*Um médico que só sabe de medicina nem de medicina sabe!*» e entender-se-á facilmente que, entre as normas directrizes para a «adequação» da Universidade Lusófona à «Declaração de Bolonha», se encontre, explícita e enfaticamente, a seguinte:

«Os créditos (ECTS) provenientes de cadeiras obrigatórias incluirão, em todos os cursos de Humanidades e Tecnologias, sem excepção alguma, a cadeira intitulada «Introdução ao Pensamento Contemporâneo»...»

- Do discurso do Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,
no “Dia da Universidade”, 31 de Março de 2007.

ISBN: 978-972-8881-43-6



9 789728 881436

com o apoio de
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



**Edições Universitárias
Lusófonas**

Fernando dos Santos Neves et alii



introdução ao Pensamento Contemporâneo

Tópicos | Ensaios | Documentos

Julho | 2007

Índice Geral

Prefácio-Explicação	15
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
Introdução Geral	17
Razões e finalidades de uma disciplina de "Introdução ao Pensamento Contemporâneo", obrigatória em todos os cursos das Universidades Portuguesas	
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
CAPÍTULO I	
QUE É O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO?	
"Epistemologia" do Pensamento Contemporâneo	
Tópicos	31
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
Ensaio e Documentos	
1. Das "Rupturas Epistemológicas várias" à "Ruptura Epistemológica Primordial"	35
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
2. Notas em vista da criação de um Gabinete de Filosofia do Conhecimento (G.F.C.)	39
<i>Fernando Gil</i>	
3. A Hora da Epistemologia: Do "homem engrenado" ao "homem empenhado"	43
<i>Armando Castro</i>	
4. Humanidades & Tecnologias, Antropologia & Antropótica	51
<i>Álvaro Miranda Santos</i>	

Título: INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO
Autor: Fernando dos Santos Neves *et alii*
Editor: Edições Universitárias Lusófonas
Capa: J&L Designers, Lda.
Paginação: Rui A. Costa Oliveira
Impressão e acabamentos: Serise Expresso, Lda.
Depósito Legal: 264564/07
ISBN: 978-972-8881-43-6
Tiragem: 1000 exs.

5. O Antropoceno: desafios da "Mudança Global"	55
<i>João M. F. Morais</i>	
6. Da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento	73
<i>Manuel da Costa Leite/Pedro Malta</i>	
7. Informação e organização social: novas literacias e novas experiências	85
<i>Manuel José Damásio</i>	
8. Modernidade, Relativismo e Ciência	109
<i>Adelino Torres</i>	
9. Manifesto sobre a "Concepção Científica do Mundo"	129
<i>Círculo de Viena</i>	
10. Teses de uma Epistemologia Anarquista	145
<i>P. Feyerabend</i>	
11. A Enciclopédia ou Dicionário Racional das Ciências, das Artes e dos Ofícios	149
<i>Diderot-D'Alembert</i>	
12. De que falamos quando falamos de cultura?	153
<i>Fernando Pereira Marques</i>	
13. Os "Intelectuais" na moderna cultura ocidental	167
<i>Rita Ciotta Neves</i>	
14. As "Pluricronias" e as "Pluritopias" do Pensamento Humano: achegas para uma "Epistemologia da Interculturalidade"	175
<i>Teotónio R. de Souza</i>	
15. Há Filosofias eternamente contemporâneas?	199
<i>Oswaldo Market</i>	
16. A Escola contra a Filosofia	217
<i>António Guerreiro</i>	
17. Para onde vai a Filosofia	223
<i>Eduardo Prado Coelho</i>	
18. Em louvor da Filosofia	225
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	

CAPÍTULO II

QUAL É O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO?

Panorâmica fenomenológica do Pensamento Contemporâneo

Tópicos	231
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	

Ensaaios e Documentos

1. A Tabacaria	235
<i>Fernando Pessoa / Álvaro de Campos</i>	
2. Panorama da Filosofia Contemporânea: Algumas linhas de rumo, em esboço	241
<i>Manuel Dias Duarte</i>	
3. Uma fenomenologia da Fenomenologia	279
<i>Maria João C. B. Silveira</i>	
4. De Husserl a Sartre: o fenómeno e a liberdade	299
<i>Jorge Leandro Rosa</i>	
5. Herbert Marcuse e a "Teoria Crítica" da Escola de Frankfurt	311
<i>Ângela Montalvão Machado</i>	
6. Max Weber e o seu diagnóstico da modernidade	325
<i>Rafael Gomes Filipe</i>	
7. "Le Deuxième Sexe" de Simone de Beauvoir, um ensaio capital da nossa contemporaneidade	351
<i>Helena Neves</i>	
8. O "Efeito Calvino"	367
<i>José A. Bragança de Miranda</i>	
9. Marshall McLuhan: Media, Cultura e Escatologia	381
<i>Filipa Subtil</i>	
10. O Universo das "Ciências Cognitivas"	411
<i>Manuel da Costa Leite</i>	
11. Introdução à Psicologia do nosso tempo	423
<i>Américo Baptista</i>	
12. A Semiótica e os seus mundos	449
<i>Rita Ciotta Neves</i>	
13. Da "Morte de Deus" ao "Retorno do Religioso"	467
<i>Alfredo Teixeira, Bento Domingues, Dimas de Almeida, Maria Julieta, Paulo Branco, Paulo Mendes Pinto, Tony Neves</i>	
14. "Carta de Atenas", "Manifesto" da Arquitectura e do Urbanismo do século XX	499
<i>Le Corbusier, CIAM - Congresso Internacional da Arquitectura Moderna (1933)</i>	
15. O "Manifesto da Bauhaus"	509
<i>W. Gropius</i>	
16. "Manifesto do Futurismo"	511
<i>F. T. Marinetti</i>	

17. "Manifesto Surrealista"	513
<i>André Breton</i>	
18. "Les Murs ont la Parole", Paris, Maio 1968	515
19. «"The times they are achanging ..." "The answer, my friend, is blowing in the wind..."»	521
<i>Bob Dylan</i>	
20. O "Pensamento Contemporâneo" no século XX português: mesologia e atitudes	525
<i>Miguel Castelo Branco</i>	
21. Ensaio histórico sobre os Sentidos, Des-sentidos e Re-sentidos do "Movimento da Negritude"	549
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
22. O Luso-tropicalismo revisitado: A miscigenação em <i>Casa Grande e Senzala</i>	581
<i>Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia</i>	
23. Para uma "Crítica da Razão Lusófona"	589
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	

CAPÍTULO III

QUAIS SÃO OS "EPISTEMAS-PARADIGMAS PRIMORDIAIS" DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO?

Genealogia, Ontologia, Cânone, Código Genético e Epistemática-Paradigmática do Pensamento Contemporâneo

Tópicos	599
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	

Ensaio e Documentos

1. O "Epistema-Paradigma" MARX: Marx, nosso Contemporâneo ...	605
<i>Manuel Duarte Vitorino</i>	
2. O "Epistema -Paradigma" FREUD: O Acontecimento da Psicanálise	647
<i>José Martinho</i>	
3. O "Epistema -Paradigma" NIETZSCHE: A Filosofia da Superação .	691
<i>Helena Neves</i>	
4. O "Epistema -Paradigma" DARWIN: The Evolution of Life on the Earth	713
<i>Stephen Jay Gould</i>	

5. O "Epistema -Paradigma" Físico-Matemático-Cósmico: Einstein ou como a luz afastou as trevas	725
<i>Frederico Carvalho Dias</i>	
6. O "Epistema -Paradigma ECO" do Desenvolvimento Humano Sustentável: Economia, Ecologia, Economologia.	743
<i>J. F. Santos Oliveira</i>	
7. O "Epistema-Paradigma" dos novos "Media": Cibercultura e Técnica, Pensamento Humano e Internet	797
<i>A. Machuco Rosa</i>	
8. O "Epistema -Paradigma" da "Condição Pós-Moderna": Moda(s) e Modo(s) do Pós-Modernismo	829
<i>J. A. Bragança de Miranda</i>	
9. Os paradigmas da modernidade e da pós-modernidade no âmbito do Direito Constitucional e da Ciência Política.	843
<i>J. Gomes Canotilho</i>	
10. Sobre o "Epistema -Paradigma Euro-ocidental" e sucessivos avatares	853
<i>Paulo Ferreira da Cunha</i>	
11. J.-P. Sartre como "símbolo e voz" dos "Epistemas-Paradigmas do Pensamento Contemporâneo", como o "Intelectual dos Tempos Modernos"	881
<i>Fernando dos Santos Neves - Jean-Paul Sartre</i>	

CAPÍTULO IV

GEOSSOCIOECONOMOLOGIA POLÍTICA DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO
Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS)

Tópicos	885
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	

Ensaio e Documentos

1: Manifesto para a Educação em Portugal	891
<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
2. Manifesto-Ensaio para a Ciência em Portugal.	895
<i>J. Mariano Gago</i>	
3. Estratégia de Lisboa: Agenda Económica e Social da União Europeia	901
<i>Conselho Europeu - Lisboa, 23-24 Março de 2000</i>	
4. A "Declaração de Bolonha" (Bolonha, Junho 1999)	917
<i>Ministros Europeus da Educação</i>	

5. Quem tem medo da "Declaração de Bolonha".....	921	23. A Descolonização da África Lusófona	1083
<i>Fernando dos Santos Neves</i>		<i>A. Almeida Santos</i>	
6. Adimplenda est Bolonia! É Preciso cumprir Bolonha!.....	925	24. A "revolução cultural" de Maio de 1968: Maio no coração, Maio para sempre.....	1097
<i>Fernando dos Santos Neves</i>		<i>Eduardo Lourenço</i>	
7. Bolonha, Luanda, Fortaleza, Macau: os princípios de uma bela história ou os difíceis itinerários de um fracasso anunciado?.....	929	25. Para uma Epistemologia do Ecumenismo: a "Ruptura Ecuménica Primordial"	1103
<i>Fernando dos Santos Neves</i>		<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
8. Educação e Pensamento Contemporâneo: da construção do modelo escolar ao tesouro a descobrir	933	26. A propósito de 11 de Setembro 2004: Guerra ao terrorismo, guerra ao Anti-americanismo e guerra aos "Etcéteras"!.....	1105
<i>António Teodoro</i>		<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
9. Sobre a paridade constitucional dos Ensinos Público e Privado, sobre o "Processo de Bolonha" e sobre a "Campanha Nacional de Educação Superior de Adultos"	949	27. "Quarto Poder" ou "Quarto Equívoco"? O poder dos media na sociedade contemporânea.....	1109
<i>Manuel de Almeida Damásio</i>		<i>Mário Mesquita</i>	
10. Universidade para todos: uma verdadeira "Revolução Cultural" ..	953	28. Carta do Bispo do Porto ao Presidente do Conselho de Ministros António de Oliveira Salazar	1113
<i>Rui Teixeira Santos</i>		<i>António Ferreira Gomes, Bispo do Porto</i>	
11. O Desporto e as Estruturas Sociais	957	29. A revista <i>Análise Social</i> na alvorada das Ciências Sociais em Portugal	1127
<i>José Esteves</i>		<i>Adérito Sedas Nunes</i>	
12. Pensamento Contemporâneo e Motricidade Humana	963	30. O Tempo e o Modo, Revista de Pensamento e Acção	1131
<i>Manuel Sérgio</i>		<i>António Alçada Baptista</i>	
13. Repercussões Sociais e Humanas da Biologia Moderna	979	31. Biblioteca Cosmos.....	1133
<i>Luís Archer</i>		<i>Bento Jesus Caraça</i>	
14. A "Bio-ética" versus a "Bio-ciência"?.....	989	32. "Repensar Portugal"	1135
<i>Nuno Grande</i>		<i>Manuel Antunes</i>	
15. Clones e Genomas Humanos, o futuro agora	1005	33. Manifesto Anti-Dantas.....	1139
<i>Clara Pinto Correia</i>		<i>J. Almada-Negreiros</i>	
16. Prospectiva da Dinâmica Demográfica Europeia	1023	34. Anúncio-Programa das "Conferências Democráticas" e "As causas da decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos" ...	1143
<i>J. Manuel Nazareth</i>		<i>Antero de Quental ...</i>	
17. O Indígena no Pensamento Colonial Português.....	1049	35. Para uma "História Contemporânea de Portugal": as "3 revoluções" da nossa modernidade.....	1147
<i>Mário Moutinho/ Alfredo Margarido</i>		<i>Victor de Sá</i>	
18. Para uma sociedade Africanológica de Língua Portuguesa	1061	36. Teses sobre a Europa, o (Trans) Atlantismo, a Lusofonia e o Futuro de Portugal.....	1153
<i>Fernando dos Santos Neves</i>		<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
19. Portugal e os "Estudos Africanos"	1063	37. Que Ensino Superior para o Século XXI? Onze Teses sobre o Ensino Superior em Portugal e no Espaço Lusófono.....	1157
<i>Manuel Ferreira</i>		<i>Fernando dos Santos Neves</i>	
20. "Primeiro Manifesto dos Capitães" (Março 1974) e "Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas" (25 de Abril de 1974)	1069		
21. "Grândola, Vila Morena"	1077		
<i>Zeca Afonso</i>			
22. Os "Dês" que ainda faltam ao "25 de Abril 1974"	1079		
<i>Fernando dos Santos Neves</i>			

CAPÍTULO V

QUESTÕES BIBLIOGRÁFICAS GERAIS

“Biblioteca Ideal” do e sobre o Pensamento Contemporâneo 1163

Fernando dos Santos Neves

ANEXO

Glossário de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) 1213

Manuel da Costa Leite

...a comunicação humana... a cultura... a percepção... a sensibilidade... a humanidade...

Marshall McLuhan. Media, Cultura e Escatologia

Filipa Subtil(*)

A perspectiva de Marshall McLuhan¹, apesar da controvérsia que suscitou no mundo das ideias, nos anos 60 do século XX, junto com a tradição antecedente e pioneira dos estudos de comunicação de Harold Innis no interior da Universidade de Toronto, só recente e muito timidamente deixaram de ser negligenciadas². Esta é uma consequência do facto de a visão de McLuhan e de as anteriores e posteriores orientações da escola de Toronto pouco ou nada terem a ver com a conhecida bipolarização entre a investigação administrativa dominante nos EUA e a "teoria crítica" desenvolvida pela escola marxista de Frankfurt. As tendências que mais caracterizam a tradição académica canadiana da comunicação tendem a centrar-se fundamentalmente nas alterações antropológicas que cada artefacto tecno-comunicacional promove na condição humana através das suas implicações na organização social, na cultura, na percepção, na sensibilidade e até no futuro da humanidade.

Quais são, então, a relevância e o alcance, para as ciências da comunicação e para os estudos sociológicos, das reflexões de McLuhan relativamente às alterações dos meios que são a nossa fonte de informação, comunicação e

*Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE e doutoranda em Ciências Sociais, variante de Sociologia, no ICS-UL; docente no Departamento de Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

¹Na origem deste texto encontra-se um estudo mais desenvolvido sobre Marshall McLuhan. Ver Subtil (2006). Agradeço a José Bragança de Miranda o convite para publicar este texto no presente livro, bem como as discussões que fomos mantendo a propósito de McLuhan.

²Para um aprofundamento do ensaísmo de McLuhan, ver Subtil (2006).

conhecimento? Têm as suas hipóteses, que se tornaram quase populares, interesse teórico para o mundo contemporâneo? As sugestões de McLuhan quanto à importância dos processos de mediação via artefactos tecnológicos da informação permitem-nos um discernimento valioso sobre pressuposições que têm ainda hoje um papel central no estudo da vida social? Qual foi a recepção, no mundo intelectual e académico, do famoso aforismo “o meio é a mensagem” ou da ideia de que as tecnologias da comunicação nos estavam a conduzir para uma “aldeia global”? As intuições de McLuhan, audaciosas e inesperadas, mas também poderosamente interpelantes, deixaram algum rasto na consciência contemporânea? A sua visão sobre um mundo aberto a um *tremendum* de possibilidades é uma mera miragem ou, pelo contrário, prossegue uma tradição de fundo no pensamento? Sendo estas as interrogações que organizam este texto, a tentativa de resposta que aqui se esboça procura simultaneamente esclarecer alguns dos problemas com que a reflexão contemporânea sobre os meios de comunicação se depara.

Com a publicação de *The Gutenberg Galaxy. The Making of Typographic Man* (1997f [1962]), McLuhan afastou-se radicalmente da perspectiva crítica desenvolvida durante os anos 1940 e 1950, que se tinha manifestado inclusive na sua primeira obra, de 1951, *The Mechanical Bride. Folklore of Industrial Man*. Quanto à forma como se posicionou nessa época, disse de si próprio: “Durante muitos anos, até escrever o meu primeiro livro, *The Mechanical Bride*, adoptei uma postura extremamente moralista relativamente a todo o ambiente tecnológico. Detestei a maquinaria. Abominei as cidades; equiparei a Revolução Industrial ao pecado original e os *mass media* à decadência. Rejeitei quase todos os elementos da vida moderna em favor de um utopismo rousseauiano. Mas, gradualmente, percebi o quão estéril e inútil era esta atitude, e comecei a compreender que grandes artistas do século XX – Yeats, Pound, Joyce, Eliot – tinham descoberto uma abordagem completamente distinta, baseada na identidade dos processos de cognição e criação. Apercebi-me que a criação artística é o *playback* da experiência comum – da escória aos tesouros, deixei de ser um moralista e tornei-me num estudante”³ (McLuhan 1989: 2). A justificação para um tão longo excerto deve-se à declarada mudança de atitude e ao papel dado à criação artística, tal como salientou um dos seus mais atentos comentadores, Harold Rosenberg (1969 [1967]: 194). Nesta fase inicial do seu pensamento, McLuhan encontrava-se sob a influência da visão crítica da cultura de massas que herdou

de Frank Raymond Leavis, seu professor na Universidade de Cambridge, assim como da tradição contrária ao industrialismo desenfreado e à mecanização, própria das correntes ligadas ao organicismo tradicional e ao pastoralismo norte-americano. Duas perspectivas principais terão influenciado McLuhan: a visão oposta à mecanização de Thomas Jefferson e Jonathan Swift, entre outros; e as concepções utópicas do príncipe anarquista russo Piotr Kropotkin e do biólogo e planificador urbano escocês Patrick Geddes, que viam nas tecnologias ligadas à electricidade uma alternativa que corrigia as contradições e os excessos do industrialismo.

Se no primeiro livro adopta ainda uma postura distanciada no que concerne à cultura de massas, nas duas obras seguintes, *The Gutenberg Galaxy* (1997f [1962]) e *Understanding Media. The Extensions of Man* (1997 [1964]), abandona esta tradição para se tornar num outro tipo de crítico, um céptico da cultura emergente da era moderna – e que designou por “tipográfica” – e um intérprete audacioso das formas simbólicas e sensoriais condicionadas e estimuladas pela mediação dos artefactos. A sua pretensão é ser uma perspectiva alternativa, centrada nos padrões tecno-antropológicos da comunicação. Para esse objectivo, apresenta uma nova abordagem dos problemas da comunicação que coloca em plano de destaque as implicações que a estrutura técnica estimula quer no ambiente social, quer no âmbito psico-sensorial do ser humano. Esta focalização afasta-se, em primeiro lugar, da compreensão meramente instrumental dos meios técnicos, característica de diversas orientações e também – facto relevante para o problema em análise – da teoria matemática da informação de Shannon e Weaver, formulada em 1949. Afasta-se também do relevo ou mesmo do determinismo dos factores sociais, geralmente associados ao fenómeno da produção e recepção comunicacionais típicos das correntes sociológicas – e até sociologistas – da altura.

Inserindo-se na corrente de autores que concedem uma importância crucial à tecnologia e, em particular às tecnologias da informação na evolução histórica humana, McLuhan concebe-as como “externalidades” ou “projeções” dos órgãos humanos com capacidade para alterar o ambiente da acção e as formas sensoriais da percepção, abrindo novas tendências para o futuro das sociedades e da própria humanidade. Esta perspectiva é própria de um entendimento antropológico da tecnologia, mas a esse problema regressaremos um pouco mais adiante, para relacionar com questões de fundo, por ora extemporâneas. Associa-se também à análise da emergência do mundo moderno no plano cultural, através da atenção à história e às características “epocais” dos diferentes modos de transmissão cultural – da oralidade à escrita e desta à electricidade, na sua qualidade de promotores de novos modos de percepção sensorial que se introduzem na estrutura intersubjectiva das relações sociais. Prosseguindo este propósito e coerente com o plano escolhido, quer em *The Gutenberg Galaxy*, quer depois em *Understanding Media*, McLuhan desenvolve uma especulação nitidamente historicista que compreende uma digressão sobre os significados do processo social e perceptual da comunicação oral, escrita e electrónica.

³“For many years until I wrote my first book, *The Mechanical Bride*, I adopted an extremely moralistic approach to all environmental technology. I loathed machinery, I abominated cities, I equated the Industrial Revolution with original sin and mass media with the Fall. In short, I rejected almost every element of modern life in favor of a Rousseauian utopianism. But gradually I perceived how sterile and useless this attitude was, and I began to realize that the great artists of the twentieth century – Yeats, Pound, Joyce, Eliot – had discovered a totally different approach, based on the identity of the processes of cognition and creation. I realized that the artistic creation is the playback of ordinary experience – from trash to treasures. I ceased being a moralist and became a student.”

Fragmentação Sensorial: da Oralidade à Escrita

A investigação sobre a emergência e o impacto da escrita e da tipografia constituiu o tema principal de *The Gutenberg Galaxy*. Nos termos de McLuhan, o objectivo é analisar como a tecnologia tipográfica mergulhou o Ocidente num "estado de catalepsia" ou entorpecimento (*numbness*). Publicada em 1962, a sua primeira obra de grande repercussão estuda a "galáxia" de eventos e acções associadas à tecnologia de Gutenberg, partindo do princípio que a história da humanidade se pode compreender à luz das implicações das tecnologias da comunicação, tanto na percepção, como na sensibilidade humana e na abertura de novas direcções para a consciência e o rumo da humanidade. A obra não se confina à análise do universo da imprensa, mas também às eras pré e pós-Gutenberg.

Segundo a sua exposição, com a escrita surge um tipo de problema que irá acompanhar a emergência de cada novo modo técnico de comunicação, no sentido preciso da hipotética importância que a mediação de cada um dos meios técnicos pode exercer em termos de implicações perceptuais e sensoriais. A visão de McLuhan sobre a comunicação escrita está ancorada nesta problemática e pode ser inserida numa corrente crítica da cultura da modernidade. A sua análise remonta às formas de comunicação cultural das chamadas sociedades sem escrita, onde ela se encontra dependente da oralidade. Para isso, apoia-se em numerosos estudos de feição antropológica, citando-os com frequência. Estudadas no âmbito do espaço lógico do "tipo ideal", as comunidades pré-letradas são definidas como habitando um espaço e tempo sagrados, onde a partilha de valores comunitários e uma forte espiritualidade são fonte de fortalecimento do espírito de grupo. Sendo o sagrado a própria realidade que as envolve, a experiência temporal destas comunidades está baseada numa concepção mítica e cósmica de tempo simultâneo em que as durações tendem a sobrepor-se; seja no mundo da realidade exterior objectiva, seja no da interioridade.

As sociedades sem escrita vivem no mundo encantado da acústica e da palavra oral, onde o pensamento e a conduta dependem do "poder" da palavra, da sua ressonância mágica e multidimensional, que encerra em si um mundo poético, uma "divindade momentânea"⁴. A palavra é uma força natural, viva e activa que ecoa; o ser humano vive num espaço sonoro, ressonante e fascinante de relações totais e simultâneas. É um mundo que o obriga a viver sob a pressão permanente da organização auditiva de toda a experiência (no domínio possessivo e constante da total interdependência e inter-relação). O seu estado é de contínua hipnose (1997f [1962]: 19-24). A expressão verbal do "homem oral" é inclusiva e contém todos os significados possíveis, estando na origem de vários níveis de significação que se produzem em simultâneo. A experiência do conhecimento é realizada através da interacção coincidente e integrada

⁴ O pensamento e a conduta são pensados não como actos separados, mas como formas de comportamento.

dos sentidos. Toda a significação está presente na declaração verbal, dela não são excluídos quaisquer aspectos da experiência; a visão do mundo é una e reúne elementos seculares, religiosos, mitológicos e mágicos.

Partindo do pressuposto que a percepção do real é una e indivisível, os sujeitos estão convictos da sua capacidade de controlar o mundo, e muitas das suas práticas quotidianas visam assegurar que a realidade funciona segundo os seus anseios. O envolvimento total com a realidade faz com que o "homem oral" se identifique fortemente com o mundo em que vive e participe activamente nele. As relações com esse mundo são de tal forma fortes e totais que a realidade é o que efectivamente acontece. O seu raciocínio leva-o a acreditar que os acontecimentos associados ou que acontecem em simultâneo estão causalmente ligados⁵. Estas comunidades estão de tal modo envolvidas e integradas no seu quotidiano que a realidade que observam não lhes surge como exterior. O ambiente externo é associado ao ambiente interior. O seu ponto de observação não é alheio à cena ou ao objecto, o que significa que não possuem a capacidade de se colocar diante da imagem de modo a captá-la por inteiro (jamais alcançariam toda a cena, adverte McLuhan) tal como fazem as culturas alfabetizadas. Não possuindo a noção de perspectiva, os olhos vêm tactilmente, percorrem os objectos e as imagens segmento a segmento; como os alfabetizados fazem com uma página impressa, ou como os *cameramen*, permanentemente atentos aos detalhes, e deixam-se absorver pelo objecto, passando a integrá-lo, a constituí-lo. Não existe a noção clara da separação entre os sentidos da visão, da audição e do tacto, como são concebidos nas sociedades alfabetizadas.

O surgimento da escrita marca indelevelmente, de acordo com McLuhan, o período das primeiras alterações significativas na percepção sensorial do real. Em *The Gutenberg Galaxy*, traça o longo e complexo processo evolutivo da escrita. Refere-se primeiramente à mais antiga forma conhecida, a escrita cuneiforme sumero-acádica, surgida entre 3000-4000 a.c. na Suméria, uma expressão pictórica de elevado teor figurativo, onde simples figuras representavam objectos e, por associação, ideias, acções e nomes. Depois cita o complexo sistema hieroglífico do Egipto (3150 a.c.), composto por um misto ideogramático (elementos visuais) e fonético (elementos acústicos). Prossegue com o primeiro alfabeto consonântico dos Fenícios (750 a.c.), cuja simplificação do traçado e a facilidade de decifração terá favorecido a democratização do signo da escrita. Culmina com a escrita alfabética, que cria, pela primeira vez, símbolos para sons, e se presume tenha sido introduzida na Grécia por Cadmo, na época da fundação de Tebas. É na sequência deste desenvolvimento que Mc-

⁵ McLuhan exemplifica através de Ashley Montagu: "If ceremonies calculated to increase the birth of animals and the yield of plants are followed by such increases, then the ceremonies are not only connected with them but are part of them; for without the ceremonies the increase of animals and plants would not have occurred" (1997f [1962]): 76). O excerto apresentado mostra que para os não-alfabetizados basta que determinada associação de ideias ou acontecimentos resulte para que o efeito seja considerado verdadeiro.

Luhan relaciona a proliferação de modos de comunicação escrita com a hipótese da emergência do que designa por desequilíbrio do aparelho sensorial.

Uma nova realidade perceptual, ligada aos sistemas de escrita pictográfica e ideográfica, terá iniciado, de forma tímida, o contínuo processo de extensão do sentido visual, que permite armazenar e simplificar o acesso à experiência humana. Todavia, esses sistemas não tinham ainda a capacidade de substituir por completo o ouvido pelo olho. Tais formas de escrita representativa envolvem também uma percepção audiotáctil incapaz de separar o significado da visão do significado do som. É o alfabeto fonético, considerado como a primeira tecnologia da comunicação com capacidade para abstrair das sonoridades certas significações e as traduzir num único código visual para o discurso, que separa as experiências auditiva e visual do homem.

Nesta linha de pensamento, enquanto a riqueza, a multiplicidade e a complexidade da experiência humana das culturas orais era percebida, em simultâneo, por uma infinidade de signos visuais, auditivos, tácteis, com o alfabeto fonético, toda a experiência passa a ser neutralizada pelo modo visual e a poder ser traduzida para um reduzido conjunto de letras (bem como os sons a elas associados), que isoladas carecem de qualquer significado. O mundo pleno de significados e experiências, percebido através do uso simultâneo dos sentidos, que terá caracterizado a expressão oral e se terá mantido, em grande medida, com as escritas hieroglíficas e ideográficas (formas que ainda conferiam expressão pictórica a significados orais), foi sacrificado pela mais radical das tecnologias que dissociou definitivamente o som e a visão, mas também o conteúdo verbal e semântico, no sentido da simplificação e homogeneização das culturas. Só a cultura letrada baseada no alfabeto fonético possui o poder de traduzir os sons de qualquer língua (a palavra falada) para apenas um código visual. Se, até então, as formas de escrita serviam os propósitos identitários de cada cultura, contribuindo para a sua diferenciação, o alfabeto fonético terá tido o poder de projectar estruturas de uniformidade e continuidade visuais⁶. No século XV, os caracteres móveis inventados por Gutenberg representam o culminar de tais estruturas de coerência e repetibilidade visual. McLuhan denomina este período como "fase extrema da cultura alfabética", que elevou os aspectos visuais do alfabeto à mais alta intensidade da definição (1997f [1962]: 158).

O longo e lento processo de interiorização da nova realidade engendrada pelo poder de transformação dos princípios estruturantes da tecnologia tipográfica - uniformidade e repetibilidade - produziu, na perspectiva de McLuhan, um vasto leque de consequências que perpassa os domínios mais díspares da actividade humana, alterando de forma significativa os limites e os padrões de cultura e sensibilidade dominantes. Neste sentido, a modernidade

⁶Sobre a transição da oralidade para o uso das tecnologias de escrita, da imprensa e da electrónica, bem como as transformações operadas no pensamento por estas tecnologias, ver Ong (1982).

é a "era da impressão" ou a época da razão tipográfica. O sistema humano de comunicação, possibilitado pelo aparelho técnico dos *media* (ou por uma nova capacidade tecnológica), é uma variável crucial e constitutiva, mais do que meramente accidental, das relações sociais contemporâneas.

A ideia da importância da nova forma de comunicação proporcionada pela invenção da imprensa não é, contudo, uma originalidade de McLuhan, antes constitui uma influência directa do pensamento de um autor chave da escola canadiana da comunicação, Harold Innis⁷. Todavia, dois aspectos diferenciam McLuhan deste seu predecessor. Em primeiro lugar, enquanto Innis se centra nas implicações das tecnologias da comunicação na organização social, McLuhan focaliza muita da sua atenção nas alterações proporcionadas pela técnica no *sensorium* humano. Depois, McLuhan distingue-se também pelo argumento de que a mediação electrónica irá proporcionar uma nova comunhão de sentidos e uma subsequente passagem a um outro nível de organização, complexificação e consciência. A tecnologia da impressão introduziu, para McLuhan, não apenas novas formas sociais, culturais, económicas e políticas, como também teve a capacidade de proporcionar mudanças profundas das categorias do conhecimento, tendo encorajado outros modos de percepção e, sobretudo, novas possibilidades da sensibilidade humana. Cada período das tecnologias da comunicação entra em correspondência com uma fase da organização social, económica, política e mesmo da razão e do género humano. Deste modo, a galáxia de Gutenberg é pensada como um universo analítico, racional, fragmentário, parcelar e abstracto. Na evolução histórica por ele concebida, os triunfos da impressão e da visão surgem como um momento doloroso, uma ditadura exercida pelo pensamento linear e abstracto entre duas estruturas sociais: a sociedade tribal e a "aldeia global". Mas esta ditadura abriga uma possibilidade redentora, pois é um momento necessário que será ultrapassado por um novo estádio.

A clausura sensorial é outra das principais propostas quanto ao processo de modificação da sensibilidade humana impulsionada pela cultura tipográfica. Ao reduzir a percepção ao sentido visual, a razão tipográfica liquida o uso simultâneo de todos os sentidos no acto de comunicação. A fractura já iniciada na cultura grega, entre a tacteabilidade e a visão, confirma-se e adensa-se. Note-se que a tacteabilidade é entendida aqui como a interacção simultânea dos sentidos, seguindo a concepção de S. Tomás de Aquino, que considera o sentido do tacto como o lugar de encontro de todos os sentidos - *sensorium* (cf. McLuhan 1997f [1962]: 111). Com a palavra impressa, a imediaticidade e a

⁷Francisco Rui Cádima, apoiado num texto de Daniel Czitrom, assinala igualmente, de passagem, a relação entre Innis e McLuhan, no sentido em que a crítica tecida pelo primeiro relativamente ao rumo que as tecnologias da comunicação estavam a tomar se transformara, na visão do segundo, numa espécie de "celebração do inevitável" (1986: 138-141). Este pequeno mas esclarecedor texto, junto com um artigo clarividente da autoria de João Pissarra Esteves (1988: 155-172), publicado dois anos depois, têm o mérito de ser das poucas análises assinaláveis em termos de recepção da visão de McLuhan pelas ciências da comunicação portuguesas.

complexidade multisensorial do modo de comunicar das culturas orais é substituída por métodos puramente visuais que obrigam a perceber uma coisa de cada vez e em sequência. O domínio da visão sobre os restantes sentidos será acentuado, nos diversos domínios da experiência, a separação das funções, das tarefas e dos estados emocionais, a análise dos elementos constitutivos e o isolamento do instante, num processo contínuo de exclusão e especialização, favorável a uma maior racionalização do mundo. O homem moderno, literal, explícito e lógico, sucede ao homem interdependente, implícito e ecológico das sociedades orais. Fica consumado o divórcio entre razão e coração⁸.

Quais as consequências desta clausura sensorial? Na resposta a esta questão encontra-se uma das chaves interpretativas das intuições de McLuhan. Parece evidente que a conjugação entre razão tipográfica, individualismo, liberalismo e estado-nação sugere já uma crítica da modernidade. Mas o ensaísta canadiano vai mais longe e introduz explicitamente o problema da alienação, razão pela qual é possível compreendê-lo no quadro mais vasto da reflexão sobre os paradoxos da modernidade. Como vimos anteriormente, a cada fase da civilização corresponde uma tecnologia da comunicação. A era que a tipografia ajuda a inaugurar só se torna no mundo cultural moderno através da articulação completa entre pensamento linear, sequênciação, homogeneidade e mecanicismo. A consequência deste encadeamento é a alienação ou, nos termos de McLuhan, a "hipnose". Esta pista permite detectar algum nível de relação entre o pensamento de McLuhan e certos desenvolvimentos da Escola de Frankfurt, da teoria culturológica francesa e dos *cultural studies* britânicos, uma hipótese que as visões mais empiricistas da sociologia deixaram escapar completamente.

A Teoria dos Media: "o Meio é a Mensagem"

É em *Understanding the Media* que é apresentado o núcleo central da sua teoria dos media, sintetizada num dos seus principais aforismos – "o meio é a mensagem" – e que se transformou posteriormente num dos títulos da sua obra. Naquela obra, apresenta as primeiras ideias de uma visão dos meios que desenvolverá posteriormente em dois volumes escritos em colaboração com Quentin Fiore⁹: *The Medium is the Massage: an Inventory of Effects* (1996 [1967]), onde expõe exaustivamente a noção de que o verdadeiro efeito dos media é "introduzir" nos indivíduos certos modos de sentir, pensar e agir, conforme a essência dos media que utilizam, e *War and Peace in the Global Village* (1997 [1968]), onde, completando a argumentação avançada anteriormente, se centra no pressuposto de que as relações internacionais e as relações entre os gru-

⁸ O homem ter-se-á tornado "unidimensional", como, na mesma altura, Herbert Marcuse (1898-1979) afirmou em *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society* (1964).

⁹ Quentin Fiore era, na altura, um dos mais conceituados designer gráficos dos EUA.

pos que constituem uma determinada sociedade são modificadas pelo desenvolvimento dos media, dando particular ênfase às consequências geopolíticas da revolução electrónica. É esta proposta e a sua discussão que constituem o propósito deste ponto.

Na primeira parte de *Understanding the Media*, McLuhan define os media como todas as "extensões" da mente, do corpo e dos sentidos. Na segunda parte, enumera e analisa alguns desses principais "prolongamentos": as rodas distendem e amplificam o pé, as roupas a pele, as casas são os mecanismos de controlo de aquecimento do corpo, os relógios mecânicos conjugam a extensão do movimento da mão com o movimento circular para a frente da roda, a fotografia estende e multiplica a imagem humana, o dinheiro uma motivação ou desejo interior, entre outros exemplos apresentados. Depois de o ser humano ter construído próteses de quase todo o seu ser físico, ter-se-ia assistido, no final do séc. XIX, com a descoberta da electricidade e do telégrafo, à fase final das extensões do homem, à simulação tecnológica da consciência como projecção do sistema nervoso central num abraço global. Todos estes e outros artefactos, utilizados no quotidiano, permitem a ligação entre as pessoas, medeiam as relações sociais, situam-se entre os sujeitos-comunicadores e ajudam a estruturar a interacção humana.

McLuhan trabalha explicitamente com uma formulação de meios de informação com origem numa concepção próstética da tecnologia, que lhe permite uma enorme abrangência, para além de conduzir a outros tipos de reflexão. Na linha inaugurada por Ernst Kapp (1877 *apud* Mitcham 1994: 20-24) e prosseguida por Arnold Gehlen (1980 [1957]), as tecnologias são consideradas projecções dos seres humanos no mundo. Entre os escassos autores contemporâneos que se têm dedicado ao esclarecimento rigoroso desta tendência do pensamento, salientam-se Carl Mitcham (1994) e Hermínio Martins (1996). Mitcham cita um excerto particularmente elucidativo de Kapp sobre os paralelos morfológicos entre os órgãos humanos e as ferramentas: "a relação intrínseca que se estabelece entre os instrumentos e os órgãos, relação que deve ser explicitada e enfatizada – embora a mesma seja mais uma descoberta inconsciente do que uma invenção consciente –, é que nos instrumentos o humano se reproduz continuamente a si mesmo. Como o factor de controlo é o órgão cuja utilidade e poder, devem ser aumentados, a forma apropriada de um instrumento só pode ser derivada desse órgão." (Kapp 1877 *apud* Mitcham 1994: 23-24). É a partir desta base que o comboio pode ser descrito como uma exteriorização do sistema circulatório e o telégrafo como uma extensão do sistema nervoso. Todavia, o raciocínio de Kapp não se limitou a este tipo de analogias, dando lugar a um projecto de colonização interna do ambiente humano, tarefa, que lhe parece como a sequência da colonização externa do ambiente natural, que tinha constituído até então a história do ser humano como construtor de ferramentas.

Quanto à teoria próstética da tecnologia de Kapp, Hermínio Martins enfa-

tiza que o seu pensamento – no qual se encontra também uma teoria sobre a condição humana – se estabelece sob o postulado segundo o qual os artefactos técnicos proporcionam ao homem os meios necessários através dos quais deverá alcançar o seu auto-conhecimento. “Para Kapp a auto-compreensão da natureza humana não pode ser atingida através da introspecção ou através do estudo do comportamento humano como tal, mas por meio do estudo dos produtos do trabalho humano, sobretudo os artefactos técnicos” (Martins 1996: 169). Esta leitura de Martins elucida que a externalização técnica, concebida por Kapp, contribuiria de forma poderosa para o crescimento da autoconsciência humana e, desse ponto de vista, a tecnologia considerada uma força exclusivamente desalienante. Esta mundividência é obviamente a antecâmara de visões como a de McLuhan e de pensadores de recorte tecno-religioso que foram uma das suas manifestas influências como Teilhard de Chardin.

Ao mesmo tempo, o carácter alargado que McLuhan adopta da teoria próstética da tecnologia permite-lhe que não tenha circunscrito – neste caso, também sob a influência directa de Harold Innis – os meios de comunicação ao discurso, à escrita, ao telégrafo, ao telefone, à rádio, à televisão, englobando também outras formas de mediação entre os seres humanos, como as vias naturais de transporte e todo o tipo de veículos construídos pelo homem. A tendência determinista e escatológica de que a sua visão se irá tornar refém não estará de todo desvinculada dessa concepção.

No seu entendimento, a introdução de qualquer meio ou extensão no quotidiano humano induz consequências psíquicas, perceptivas, sociais e sensoriais. Tal significa que, quando é inserido na nossa vida corrente um determinado meio ou tecnologia, esse simples acto contém em si a sua própria mensagem, que não é mais do que o processo de remodelação e ênfatização que induz. Para o autor, um meio não existe sem mensagem, o meio é ele próprio a mensagem, ou melhor, meio significa mensagem, pois inclui os seus fins e consequências. Daqui advém a impossibilidade de dissociar os dois termos¹⁰. Os *media* são mensageiros que constituem eles próprios a sua mensagem. São o meio dos meios.

A expressão “o meio é a mensagem” é portadora de um dos argumentos fundamentais de McLuhan, já introduzido neste texto: o impacto de qualquer meio ou tecnologia define-se pela modificação e aceleração de formas perceptuais e sensoriais existentes e emergentes. Os casos que apresenta ajudam a explicitar o sentido desta consigna. A automação, por exemplo, introduziu novos padrões de associação humana, e ao fazê-lo teve como consequência negativa a diminuição do número de empregos e como repercussão positiva a dinamização da participação, através da criação de um conjunto de funções que os indivíduos deveriam desempenhar no trabalho e nas relações que estabele-

cem uns com os outros. Ao incentivar a participação, a automação integrou e descentralizou em profundidade, ao contrário da máquina que se caracterizava pela fragmentação, centralização e superficialidade na estruturação das relações humanas. O autor apresenta-nos também o exemplo específico da luz eléctrica: esta é informação pura, é um veículo, um meio sem mensagem. Só seria um meio com mensagem se fosse utilizada para explicitar algum anúncio ou nome. A mensagem da luz eléctrica é, pois, radical, difusa e descentralizadora. A luz ou a energia eléctrica, mesmo que desligadas dos conteúdos, eliminam os factores de tempo e espaço da relação humana, exactamente como o fazem a rádio, o telégrafo, o telefone e a televisão, permitindo a participação, a relação integral, total e em profundidade.

O “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é, por conseguinte, sempre o próprio meio ou veículo. O conteúdo, a mensagem de qualquer tecnologia, consiste na mudança que esse meio ou tecnologia introduz na vida humana, pois modela e controla a intensidade e a forma das acções humanas. A fala seria o conteúdo da escrita, a palavra escrita o da imprensa e a palavra impressa o do telégrafo (nesta perspectiva, torna-se claro que o conteúdo não é mais do que o próprio meio). O exemplo do caminho-de-ferro é igualmente avançado: como meio de transporte acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando novas cidades, novos modelos sociais e familiares, novas formas de trabalho e de lazer, modificando radicalmente a perspectiva individual e os próprios modelos sociais de interdependência. É a força do conteúdo dos meios que faz, com frequência, esquecer a natureza do próprio meio. O que está em causa não é o conteúdo, mas o meio a partir do qual ele é transmitido; por outras palavras, o modo de transmissão de uma cultura modifica essa cultura. A impressão – McLuhan, como vimos, dá uma enorme relevância à história da cultura tipográfica – terá criado e difundido uma forma de pensamento radicalmente distinta da que era característica da época da comunicação oral, antes da invenção da escrita. Em consequência, o desenvolvimento dos meios de difusão eléctrica e electrónica estará a devolver uma realidade que solicita todos os nossos sentidos. A capacidade “organicista” destas tecnologias será propícia ao desenvolvimento de uma nova era humana.

Os hábitos adquiridos na experiência sensorial exercem, neste entendimento, uma influência decisiva sobre os modelos de percepção da realidade exterior – na linguagem de McLuhan, os *media* exercem uma espécie de “massagem”. É o meio que formaliza o modo e determina a escala de actividade e as relações entre os homens. Aplicado às tecnologias da difusão e da comunicação, “a mensagem é o meio”, significando que em qualquer forma de comunicação ou expressão artística o que se pretende dizer não tem importância. A forma como se diz não é também o fundamental. O essencial é o novo ambiente, criado pelo meio, que modifica as formas de pensar e sentir. É esta alteração que constitui a mensagem e que deve concentrar a atenção. Nesta asserção, o que McLuhan pretende realçar é o facto de as sociedades terem sido moldadas

¹⁰ Uma reflexão aprofundada sobre a relação meios/fins no âmbito da tecnologia pode encontrar-se em García (2003: 116-130 *maxime* 121-127).

mais pelo carácter dos meios, através dos quais comunicam, do que pelo conteúdo da comunicação. O hábito de utilizar regularmente um determinado meio é uma influência decisiva sobre a forma como nos apercebemos da realidade e a sentimos. Torna-se uma tarefa fundamental estudar a natureza dos meios associada ao contexto cultural em que actuam. Se não o fizermos, corremos o risco de ficar hipnotizados ou sonâmbulos, utilizando a sugestiva expressão de Langdon Winner (1977), pela "amputação" ou "extensão" do nosso ser numa nova forma técnica.

McLuhan fez uso do conceito de "eterização" - princípio de simplificação e de eficiência progressiva de qualquer organização ou tecnologia - de Arnold Toynbee - para apoiar a sua argumentação relativa ao poder de transformação dos meios. No entanto, segundo o autor canadiano, Toynbee teria ignorado o efeito do desafio daquele princípio sobre os sentidos, convicto de que a resposta expressa pelas nossas opiniões - ou seja, pelo conteúdo - se apresenta pertinente relativamente aos efeitos dos meios e da tecnologia na sociedade. Para McLuhan, este tipo de argumento resulta do "fetichismo tipográfico". O homem da sociedade homogénea e literata deixou de ser sensível à diversidade e descontinuidade da vida das formas, só admitindo a "ilusão da terceira dimensão" e do "ponto de vista pessoal". A nossa "fixação narcísica" leva-nos a esquecer que nos tornamos naquilo que contemplamos, postula, citando Blake e os Salmistas (cf. 1997e [1964]: 19).

McLuhan procura também esclarecer a forma como se impõem a outros meios e grupos os veículos de comunicação, quais armas poderosas. Ao longo do tempo, a aceitação hipnótica das implicações e processos sociais desenvolvidos pelos meios transformou-os, para quem os utiliza, em "prisões sem muros". O homem dificilmente é livre, uma vez que não tem consciência do caminho que está a tomar. É nestas circunstâncias que a força e o peso dos meios se encontra nos próprios meios, sejam eles meios tipicamente tecnológicos ou naturalizados, tais como o carvão, o algodão e o petróleo (Harold Innis já incluía no seu conceito de meios os rios, os animais de tracção e a extracção mineira). Uma sociedade que depende economicamente de um ou dois produtos-base acaba por se reger por determinados padrões sociais de organização; por consequência, o algodão e o petróleo, tal como a rádio e a televisão, tornaram-se "atributos imprescindíveis" para a vida psíquica da comunidade. Nas suas palavras: "Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos"¹¹ (*ibid.*: 21). Os sentidos tal como os meios são considerados como atributos que influenciam as energias pessoais, ao mesmo tempo que moldam a consciência e a experiência.

Alguns anos mais tarde, em 1967, num pequeno ensaio intitulado "The Relation of Environment to Anti-Environment" (1997b [1967]: 110-120) e na obra *The Medium is the Massage. An Inventory of Effects* (1996 [1967]), McLuhan desen-

volve e explicita melhor esta expressão e o argumento de que qualquer nova tecnologia, extensão ou ampliação das faculdades humanas tende a criar um novo ambiente¹². Insiste que aquele axioma pretende significar que, sempre que é criado um ambiente completamente novo, ele é imperceptível para aqueles que nele habitam, o que faz com que os seus efeitos permaneçam ignorados. O novo ambiente só passa a ser notado e compreendido quando é substituído por outro. Apresenta como argumento original que o anterior ambiente se transforma no conteúdo do segundo, uma vez que o conteúdo de um novo ambiente é sempre o ambiente tecnológico anterior ou, segundo a noção que avança, o "anti-ambiente". O novo ambiente mantém-se invisível, excepto em termos do seu conteúdo, pois é neste processo que, pela primeira vez, o velho ambiente é compreendido.

Para esclarecer este processo propõe o conceito *rearview mirror*, de facto, uma metáfora das sociedades em que vivemos. A sociedade está sempre um passo atrás, quer dizer, percebemos o presente através do espelho retrovisor. Neste sentido, a sociedade nunca é propriamente "ambiental", pois o que é compreendido ou apreendido, em determinado momento, é sempre o velho ambiente. É a partir do "anti-ambiente" que é percebido o ambiente. Isto verifica-se com a roupa, o discurso, a escrita, a roda, a rádio, o cinema, a televisão, etc. Por outro lado, a permanente interpenetração entre o velho e o novo ambiente estaria na origem de problemas e confusões que podem ser constatados num período em que diversos *habitats* electrónicos têm sido criados, designadamente a televisão. Este facto seria bem demonstrativo de como uma percentagem mínima da população - engenheiros e técnicos - tem como tarefa principal criar e produzir novos ambientes que implicam mudanças radicais na vida diária dos restantes 90 por cento. Os problemas de 90 por cento são, pois, gerados pelo poder activo de apenas 10 por cento. O novo ambiente é agora um circuito eléctrico que toma como conteúdo os ambientes anteriores, em particular a fotografia e o filme. Mas o que é visionado ou noticiado é o velho ambiente, enquanto os estímulos provocados pelo ambiente da televisão, nomeadamente a alteração de todo o carácter da sensibilidade humana e da relação sensorial, continuam amplamente ignorados. Em vez de se estar atento às implicações de irrupção do novo ambiente, a resposta mais comum é recriar o velho; e esta postura leva, segundo McLuhan, a que se falhe na compreensão deste processo e dos novos poderes que daí resultam. Tal significa que somos incapazes de desenvolver os sistemas de controlo necessários ou os "anti-ambientes", o que tende a conduzir os indivíduos ao papel de autómatos.

Todavia, o desenvolvimento da era electrónica, período caracterizado pela

¹²No final de 1964, ano da publicação de *Understanding Media*, McLuhan tinha já uma alternativa para a sua frase mais famosa: "I have discovered a better way of saying the *medium is the message*. It is this: each technology creates a new environment. The old environment becomes the content of the new environment." Esta afirmação foi feita numa carta enviada por McLuhan a Chuck Bayley em 16 de Dezembro de 1964 (*apud* Gordon 1997: 175).

¹¹"It pays through the nose and all its other senses for each staple that shapes its life."

mudança acelerada, não se compadece com aquele tipo de *décalage*, obrigando a compreender rapidamente o novo ambiente. A velocidade da tecnologia electrónica permite que a sociedade que daí resulta seja completamente ambiental, já que todos os ambientes anteriores se tornam agora anti-ambientes ou conteúdos da nova tecnologia. Na idade da informação, é a própria informação que se torna ambiental. À medida que o planeta se estende e equipa com satélites, antenas e estações espaciais criam-se novos ambientes cujo conteúdo passa a ser o próprio planeta. Ainda segundo o autor, quando se atinge este estágio, o planeta transforma-se numa forma artística ou objecto de arte. Ao colocar a questão deste modo, está a avançar com a hipótese extrema de que o ambiente "natural" ou a "natureza" morreu e que uma "nova" ou "segunda" natureza construída pelo homem tomou o seu lugar (cf. McLuhan com Forsdale 1989: 16; McLuhan 1997c: 102; Burke 1968: 188)¹³.

Em síntese, o objectivo de McLuhan ao formular o princípio "o meio é a mensagem" é erguer uma reflexão histórica geral das civilizações de cariz evolutivo com base nas técnicas de comunicação, especificamente nos *media*. Estes meios e o novo ambiente por eles criado, seja o alfabeto, o livro, a rádio ou a televisão - McLuhan passa ao lado do problema da descontinuidade entre as técnicas antigas e a tecnologia moderna orientada pela ciência - transformam o quotidiano, não essencialmente através dos conteúdos que transmitem (ideias, ideologias, informação, ciência, etc.), mas através dos enquadramentos e constrangimentos psico-sensoriais que a sua essência técnica exerce. Cada meio é, nesta linha de raciocínio, um objecto técnico, e a sua estrutura ou organização intrínseca tem implicações importantes no tempo longo. Os chamados efeitos da tecnologia não ocorrem tanto ao nível das ideias ou fantasias, opiniões ou conceitos, mas sobretudo na alteração irremediável das relações sensoriais e dos modelos de percepção. As funções reais dos *media* são obnubiladas pelo conteúdo, que deseja ser disseminado como verdadeira mensagem, quando, na realidade, a verdadeira mensagem está na mudança estrutural (de escala, de modelos, de *habitus*) que aqueles impõem às relações humanas, modificando as estruturas tradicionais anteriores. Ontologicamente, o suporte tecnológico não é o meio que conduz à mudança, mas é, em si, a mensagem da mudança.

A repercussão exercida pela popularização do princípio de que "o meio é a mensagem", nos teóricos da comunicação e da cultura dos anos 1960 e 1970, deu origem a um vasto conjunto de comentários. Entre os protagonistas do debate, destacam-se teóricos como Jean Baudrillard (2001 [1967]: 39-44), Jonathan Miller (1969, 1971), Kenneth Boulding (1969 [1967]: 61-69), Harold Rosenberg (1969 [1967]: 188-198), Richard Kostelanetz (1969 [1968]: 207-228), James Carey (1969

[1968]: 270-308) e Francis Balle (1972). Das inúmeras reflexões suscitadas pelo trabalho de McLuhan, umas realçando a sua originalidade, outras denunciando as fraquezas e ambiguidades, a heurística do aforismo de que "o meio é a mensagem" é o que recebe melhor acolhimento. Circunscrevemos estes comentários a Jean Baudrillard e Francis Balle.

Baudrillard, logo em 1967, escreve uma pequena recensão a *Understanding Media*, praticamente desconhecida e só recentemente reeditada por Gary Genosko (2001 [1967]: 39-44)¹⁴, em que realça a importância desta fórmula. Baudrillard afirma-se de acordo com o princípio segundo o qual os meios (sejam os livros ou os *mass media* actuais) alteram profundamente a nossa civilização e que isso se deve não tanto aos conteúdos que transmitem, mas aos constrangimentos exercidos pelo seu carácter técnico: "O conteúdo esconde a maior parte das funções reais do *medium*", escreve Baudrillard (*ibid.*: 42). O conteúdo é transmitido como se fosse a verdadeira mensagem, todavia, a mensagem real é a mudança estrutural (de escala, de modelos) que opera profundamente nas relações humanas. O autor francês apresenta os exemplos do caminho-de-ferro e da televisão, em que a mensagem do primeiro não é decerto o carvão ou os passageiros que transporta, mas as alterações que produz no ambiente envolvente, bem como nas visões do mundo; no caso da televisão, a "mensagem" não são as imagens que transmite sucessivamente, mas os novos modos de relação e percepção que impõe e que mudam a estrutura tradicional da família. Todavia, para Baudrillard, circunscrever a interpretação apenas a este aspecto é uma perspectiva redutora, na medida em que não permite vislumbrar todo o alcance e implicações do postulado. Neste sentido, McLuhan é criticado por ter realizado uma análise "ahistórica" e "associal", ignorando que o processo histórico-social está subentendido na imposição das tecnologias. Dito de outro modo, o condicionamento exercido pelo meio é um processo que tem lugar em determinadas estruturas histórico-sociais, modos de organização social, padrões da relação entre a dimensão económica e a dimensão do trabalho, entre outras. O meio abre novas direcções e oportunidades, mas elas só se concretizam e têm consequências num determinado contexto social. Ao afastar a dimensão histórica e social das suas análises, McLuhan cai num idealismo tecnológico cujo perigo é transformar-se num optimista alienado da sociedade tecnológica.

Na sociologia, a recepção imediata à obra de McLuhan pautou-se por uma certa timidez ou mesmo aversão, exceptuando Francis Balle, intelectual francês com uma vasta bibliografia no campo dos estudos de comunicação onde se inclui um livro dedicado ao pensamento mcluhaniano - *Pour Comprendre les Médias: McLuhan* (1972). Nesta publicação, reconhece que a renovação da investigação sociológica sobre os *mass media* operada nos anos 1960 se deve, em grande

¹³ Dois anos mais tarde, no *Counterblast*, McLuhan viria a afirmar: "To say that any technology or extension of man creates a new environment is a much better way of saying that *the medium is the message*. This environment is always 'invisible' and its content is always the old technology" (*apud* Moos 1997: 2, 3).

¹⁴ Originalmente publicada como "Marshall McLuhan, *Understanding Media*", *L'Homme et la Société*, n.º 5, 1967, pp. 227-230.

medida, à singularidade das proposições do pensador canadiano. Para Balle, ao enunciar a hipótese central da sua teoria dos meios – as tecnologias da comunicação determinam a cultura –, McLuhan mais não fez do que invalidar as concepções até então dominantes sobre a influência e efeitos dos *media*. A ênfase desloca-se para as transformações que os *media* induzem na apreensão e percepção do mundo sensível da realidade humana. O ensaísta terá sido não só o responsável pela deslocação do debate para a questão das ligações ou do vínculo existente entre o carácter dos *media* e a sociedade no seu todo, mas também por ter defendido o meio como projecção técnica da sensibilidade humana com capacidade para modelar o ambiente, sendo que essa “massagem” se impõe à vivência humana. Com esta asserção, recordou à sociologia dos *media* que o estudo da comunicação de massas se deveria iniciar pelos seus instrumentos – a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema –, tecnologias que produzem e difundem, segundo a técnica industrial, informação e entretenimento. Numa linha próxima à argumentação de Baudrillard, Balle manifesta também dúvidas relativamente ao que prometia ser uma analogia com “potencialidades heurísticas”, mas que resultou para correlações excessivas entre tecnologia e cultura. Estas carecem de uma observação histórica e socialmente contextualizada, tornando McLuhan refém do seu aforismo e da “filosofia da história” que daí decorre. Contudo, Balle reconhece que McLuhan recolocou a análise dos meios de comunicação de massas no centro do estudo da vida social, abrindo novas perspectivas à investigação, nomeadamente ao estudo do “ambiente” resultante da adopção, por parte de uma dada sociedade, de uma forma particular de comunicação, ao mesmo tempo que impulsionou importantes renovações teórico-criativas nos meios académicos e artísticos (cf. Balle 1972: 69-71).

Em suma, a reflexão crítica destes autores se poucas dúvidas levanta quanto às virtudes do aforismo, o mesmo já não ocorre com certos desenvolvimentos unilaterais efectuados por McLuhan, quando enveredou por variantes retóricas e extremadas sobre a tecnologia, não esclarecendo devidamente o nexo com os chamados factores sociais, políticos e culturais, isto é, em última análise, com a liberdade do ser humano. A retórica cerrada que produz apresenta-se pouco flexível para enfrentar os problemas e contradições que o unitarismo da sua própria visão acaba por colocar. Antes pelo contrário, assume a defesa, até às últimas consequências, de que as transformações nas tecnologias da comunicação ou nos *media* são indutoras da mudança social, não só porque produzem um importante impacto cultural nas práticas sociais, mas também, e aqui radicaliza o argumento, consequências psicológicas profundas que podem conduzir à transformação da própria consciência humana¹⁵. Perante a concepção do poder modelador da tecnologia, aparecem como que negligenciadas a liber-

dade humana, as tradições e as relações sociais. Esta combinação de determinismo tecnológico com finalismo escatológico revela dificuldades sérias em ordem a compreender a extrema complexidade e subtilidade da transformação social, a qual implica uma constelação permanente de forças sociais, económicas e culturais, bem como influências científicas e tecnológicas. McLuhan, embora o ensaie relativamente à imprensa em *The Gutenberg Galaxy*, não empreendeu uma análise histórica de fundo dos meios de comunicação que incorporasse a acção recíproca entre os factores técnicos e os sociais, incluindo aqui os económicos, políticos e culturais. Ao ignorar os contextos históricos, sociais e políticos onde as mudanças tecnológicas operam, incorreu no que Baudrillard denomina de “alienação tecnológica”. Ao conceber a hipótese segundo a qual o desenvolvimento civilizacional deriva e é determinado necessariamente por uma tecnologia específica que modela as instituições e práticas sociais que nela se desenvolvem, McLuhan vincula-se, de acordo com Baudrillard, à “ditadura cultural da mensagem” (que não é mais do que a do *medium*), passando ao lado de uma análise concreta que tenha em conta o contexto sociológico, histórico e político de produção dos próprios *media* (2001).

A exclusão das formas quentes e a inclusão das formas frias

A importância que McLuhan atribui aos meios quanto ao seu poder de determinar a psique individual e conseqüentemente as relações sociais conduziu-o à necessidade de encontrar um critério de distinção entre os vários tipos de *media*. A proposta que formula toma como base a distinção entre “meios quentes” e “meios frios”.

O princípio de distinção baseia-se na ideia de que certos meios devem ser definidos por conterem uma elevada saturação de dados, enquanto outros fornecem menor quantidade de informação, deixando espaço para a participação do receptor. Os primeiros, meios de alta definição, como o rádio, o cinema e a fotografia, são apelidados de meios quentes; os segundos, de baixa definição, como a fala, o telefone, a televisão, a caricatura ou o desenho animado, são designados como meios frios. Os meios quentes não abrem espaço para a plena interacção comunicacional; inversamente, os meios frios, recebendo menor quantidade de informação, solicitam essa interlocução. McLuhan faz depender a sua classificação não só dos termos “definição” e “participação”, mas sobretudo dos sentidos físicos. Quando salienta a quantidade de informação transmitida por um dado meio, não está a referir-se a factos ou a acontecimentos, antes ao modo como os sentidos respondem ao meio. Analisando os vários exemplos que apresenta, torna-se explícito que a participação não se refere especialmente ao envolvimento intelectual, mas sim ao modo como o meio compromete ou envolve o *sensorium* humano. Partindo da tipolo-

¹⁵ Em *Os Livros e as Leituras. Novas Ecologias da Informação*, José Afonso Furtado dá um importante contributo para a reflexão sobre o determinismo tecnológico, denunciando o vulgar maniqueísmo e propondo análises mais ponderadas (2000: 266-280).

gia de meios apresentada, aplica-a a países e a civilizações. Assim, poder-se-ia falar de países frios, que seriam os mais atrasados, e países quentes, que seriam os mais desenvolvidos. Do ponto de vista civilizacional, o período mecânico deve ser considerado como uma era quente e a época da televisão como fria¹⁶.

É muito provável que a distinção entre meios frios e meios quentes tenha sido a formulação conceptual mais controversa de McLuhan, tendo presente o extenso rol de apreciações críticas de que foi alvo. Fundada numa "teoria sensorial da comunicação", para usar a expressão de Judith Stamps (1995: 97), centra-se no estudo da forma como as mediações via artefactos técnicos têm profundas implicações no domínio cognitivo e no próprio corpo, em particular no campo da experiência sensorial. Por esta razão, o autor canadiano lançou as bases de um debate que, embora largamente incompreendido e marginal nos anos 1960, se apresenta hoje a outra luz. Os novos *media* electrónicos, para além de invadirem todos os campos da actividade humana, penetram o próprio corpo humano, assim como a sensibilidade. A relação cada vez mais importante (ou intrínseca) entre tecnologia, *bios* e sensibilidade está no eixo do aparelhamento maquínico da condição animal e humana, colocando problemas de grande complexidade. Esta crescente relevância da tecnificação começa a tornar-se visível a partir dos finais do século XIX, e foi assinalada em alguns ensaios brilhantes das primeiras décadas do século XX, nos quais se intuía, no domínio da estética, que a convergência entre técnica e arte se inscreve num movimento que obedece ao princípio de substituição da "realidade do ser" pelas "possibilidade do ser" através do axioma *experimentum mundi*.

À distinção meios quentes e meios frios subjaz um pressuposto relativo à densidade da informação, no sentido em que certos meios permitem carregar mais informação do que a necessária para aceder às ideias implícitas (meios quentes), enquanto outros se caracterizam por ter falhas nessa estrutura de informação (meios frios). Foram muitos os que viram nesta classificação dificuldades inultrapassáveis já que, segundo McLuhan, são os meios frios que requerem da parte do receptor uma participação mais activa de inferência positiva. Será assim que a palavra falada pode ser considerada "fria", na medida em que é mais evocativa de um acto de inferência (ou dedução) positiva, ao invés da palavra escrita, porque mais carregada de informação e redundância. Sensorialmente, a palavra escrita e a cultura tipográfica, dadas as suas propriedades essencialmente visuais, estão na origem da fragmentação dos sentidos, enquanto que os meios electrónicos restituíram a articulação sensorial característica da palavra falada. Este é precisamente o núcleo central das ideias de McLuhan que suscitaram um importante conjunto de interrogações.

¹⁶ Para melhor expor esta conceptualização, McLuhan não hesita em relacioná-la com os tipos de dança característicos de cada época. Assim, a valsa, por ser rápida, mecânica e adequada ao mundo industrial, é uma dança quente (correlata, portanto, à rádio e ao cinema). O *twiist*, por ser improvisada, envolvente e descontraída, é uma dança fria (correlata à fala, ao telefone e a televisão).

O conceito de participação, como critério fundamental da tipologia dicotómica meios quentes/meios frios, e uma filosofia da história que remete para uma "luta dos *media*" permanente, resultante da contradição entre o surgimento de uma nova tecnologia da comunicação e a sobrevivência ou conservação de hábitos sensoriais adquiridos anteriormente, levantam um outro tipo de perplexidades. Como sublinhou na altura de forma enfática Francis Balle, não é de todo clara a razão por que a radiodifusão figura num campo oposto ao da palavra, uma vez que ambos parecem ser o prolongamento de um mesmo sentido. O mesmo sucede com a televisão, meio frio, e o cinema, meio quente. Não questionando a distância tecno-conceptual entre os meios, e o esforço argumentativo de McLuhan em nos tentar convencer da significação, mais do que visual, táctil da televisão, Balle não encontra justificação plausível para não conceber a televisão como instrumento estruturante da "civilização da imagem" (1972: 53-55).

Para além do que a Balle surgiu como evidente no que respeita à arbitrariedade da distinção, o que subjaz igualmente na classificação de McLuhan é, uma vez mais, o conceito de participação, no fundo, o critério fundamental que constitui o seu conceito de meios quentes e frios. Ao centrar-se no que, em sociologia, geralmente se designa por "quadros tecnológicos da percepção", McLuhan parece partilhar do princípio segundo o qual as novas tecnologias de difusão colectiva, em particular a televisão, possuem a capacidade de nos restituir o mundo de um modo cada vez mais imediato e exaustivo, por outras palavras, que nos permite "participar" no drama social (e talvez nesta questão não esteja longe da teoria dos *media events* de Katz e Dayan). Se este parece ser o fundamento das primeiras intuições de McLuhan, à medida que se progride na análise, os argumentos denotam uma ambiguidade crescente. De acordo com Balle, tal fica a dever-se a dois tipos de dificuldades:

A primeira dificuldade da formulação de McLuhan provém da sua amalgama com a preocupação participacionista das novas tendências estéticas que se manifestam a partir da década de 1960. Neste período, o principal objectivo da arte passa a ser levar o espectador a participar, a partilhar do tempo da criação, permitindo uma relação mais imediata entre a arte e o seu público. Na estética participacionista, a existência e a significação da obra estão dependentes da confrontação dramática com o espectador. A obra deixa de estar fechada sobre si própria e "abre-se" a múltiplas possibilidades de interpretação. O lema é, recorda Balle, "[que] uma obra fique inacabada; que não cesse de ser uma espécie de 'problemática aberta' como dizia Jean Paul Sartre e que a interpretação seja deixada ao espectador" (1972: 56). As investigações de Robbe-Grillet com o novo romance, o trabalho de Alain Résnais no cinema - em *L'année dernière à Marienbad* - e certas experiências no teatro são enunciadas para vincar a preocupação da participação do público através dos mais diversos procedimentos técnicos e retóricos. Na verdade, a este respeito, deve realçar-se que a "corrente participacionista", contrariamente a um certo preconceito difundido, não se limitou a experiências isoladas e pontuais, mas atravessou grande parte da arte

da segunda metade do século XX, propagando-se aos mais diversos domínios artísticos, da literatura ao cinema, das artes plásticas ao teatro¹⁷.

De acordo com Balle, a polissemia e a utilização desmesurada do conceito de "participação" nos mais diversos contextos corre o perigo de o esvaziar do seu significado. Deixa de ser possível saber onde se situa, a que se refere, se diz respeito à mobilização dos sentidos ou se, pelo contrário, não passa de uma mera qualidade sugestiva ou aparentemente inacabada daquilo que representa. O mesmo vocábulo passa a referenciar níveis distintos, das mais diversas mensagens transmitidas, às diferenças estilísticas que podem ser utilizadas e às condições de recepção ou de utilização de um meio. É na dificuldade de desfrinçar em que nível McLuhan se situa, passando de um para o outro sem grande precisão conceptual, que a sua classificação espelha as ambiguidades do conceito de participação. Para o ensaísta canadiano, a literatura contemporânea sobre os meios de expressão e a sensibilidade artística favorecem a "interpenetração" dos diversos níveis, logo pode haver "participação" num dos três níveis sem que os outros dois sejam modificados ou afectados pela mudança. Para além de que uma obra de arte ou uma mensagem nunca estão "completas" e solicitam sempre a colaboração ou a cumplicidade entre o artista que esboça uma recriação do mundo e aquele que é tido como seu intérprete (1972: 56-57).

A segunda dificuldade que Balle apontou à categorização mcluhaniana consiste na parcialidade que evidencia em favor das potencialidades da sensibilidade emergente da idade electrónica, em especial da televisão. Desvalorizando deliberadamente a esfera da expressão escrita impressa ou literária (dominada por meios quentes e fora de moda) da galáxia de Gutenberg, comumente denominada de cultura humanista, McLuhan vê na sensibilidade aberta pela electrónica o desenvolvimento de uma arte que não despreza o homem, e lhe restitui a participação e o envolvimento pleno na humanidade que o cerca.

Decorrente dos argumentos anteriores, Balle interpreta correctamente a conceptualização mcluhaniana de "luta dos *media*" como um processo contraditório estabelecido entre uma nova tecnologia da comunicação e os dispositivos sensoriais que a antecederam. McLuhan terá seguido um esquema próximo ao da luta de classes de Marx, embora fazendo da tecnologia dos *media* o principal motor da sua visão historicista. Na era da electricidade, guiados pela televisão, estaremos a assistir à vitória dos meios frios sobre os meios quentes, triunfo facilitado pelo desmoronamento do pensamento literário resultante da impressão, supostamente um meio quente por excelência.

A temática da "luta dos *media*" subjacente à proposta de McLuhan, parece privilegiar alternadamente cada um dos sentidos que constituem o aparelhamento psico-afectivo do homem. Se assim for, estamos perante uma luta de influência que irá assegurar, de forma intercalada, a predominância de meios frios e quentes, numa tentativa de eliminação recíproca. Apoiado na observação so-

¹⁷ A este respeito, ver Couchot (1997: 135-143).

ciológica, Balle nega este tipo de concepção. Por um lado, as constantes inquirições indicam que o consumo regular de um *medium* não é único nem exclusivo - aquele que compra um jornal regularmente tende a complementar a sua informação através da leitura de um jornal semanário, da audição da rádio ou até mesmo do visionamento da televisão. Por outro, também não se verifica o perigo de sermos induzidos em erro pelo deslumbramento que um novo meio pode exercer nos primeiros anos de difusão (esta questão é levantada no capítulo relativo ao "Narciso como Narcose" de *Understanding Media*). Assim, apesar da morte anunciada da imprensa escrita, na sequência do surgimento da radiodifusão, nos anos de 1930, e da televisão, nos anos 1950, tal não se verificou. Os meios em que se tinham colocado todas as esperanças não suplantaram, numa primeira fase, a imprensa escrita e o livro, nem, posteriormente, a própria radiodifusão. Daí Balle concluir que a teoria dos *media* de McLuhan assenta em pressupostos desprovidos de fundamento e, por conseguinte, difíceis de defender, no sentido em que confundem a concorrência entre diversas tecnologias com diferentes conteúdos estéticos. Isto estaria patente na noção mcluhaniana segundo a qual "o conteúdo de um meio é sempre outro meio" ou, por outras palavras, de que na "luta dos *media*" se assistiria à sucessão dos meios, onde, num primeiro momento, os vitoriosos se alimentam do conteúdo daqueles que saíram derrotados. Para o sociólogo francês, as afirmações de McLuhan só são justificáveis mediante o princípio de que os meios de comunicação modelam ("massajam") a sensibilidade colectiva e, assim sendo, o autor canadiano estaria refém do seu aforismo "a mensagem é o meio" e do historicismo tecnológico que daí resulta.

O que poderia então ter sido uma hipótese de trabalho com potencialidades heurísticas dera lugar a uma nova ideologia que nada fica a dever às que a antecederam. Segundo Balle, carece de sentido que a guerra entre os vários registos de sensibilidade, que se projectam nos diversos *media*, seja conducente à exclusão dos anteriores, embora caracterizem um tipo particular do *sensorium*. A este respeito, parece consensual a ideia de que alguns aspectos da sensibilidade humana se destacam mais na nossa época do que outros, e os *media* são responsáveis por esse processo, que é tanto tecnológico como antropológico. A reflexão de Balle a este propósito é extremamente apropriada: "Estáramos mais próximos da verdade se avançássemos que a concorrência, entendida como um facto estabelecido entre os *media*, não resulta, de forma alguma, de uma guerra entre registos de sensibilidade que seriam mutuamente exclusivos. É, sem dúvida, verdade que cada época é caracterizada por um tipo de sensibilidade particular: a história das criações artísticas está aí para o testemunhar. Mas além do facto geralmente sublinhado que as autênticas obras de arte sobrevivem à sua época e pertencem a todas as épocas, podemos admitir que, em versões particulares e em proporções variáveis, as civilizações exercem e exercem-se nos mais diversos registos de sensibilidade"¹⁸ (Balle 1972: 61).

¹⁸ "Nous serions sans doute plus près de la vérité si nous avançons que la concurrence, si elle est un fait établi entre les média, ne résulte nullement d'une guerre entre des registres de sensi-

O Novo Espaço “Acústico” das Tecnologias Electrónicas

Os últimos textos de McLuhan abrem, porém, outras possibilidades de exploração. Esse é claramente o caso da insistência na importância, para o ser humano e para a civilização, da articulação entre o complexo dos *media* ou das tecnologias da comunicação no sentido da criação de um novo espaço de interacção mediada electronicamente. Os desenvolvimentos relativos ao declínio do espaço visual, pictórico, circunscrito, e a emergência de um novo habitat de virtualização da realidade e realização do virtual, constituem uma antecipação extraordinária do que hoje aparece designado como “ciberespaço”¹⁹. Os problemas que este novo espaço coloca, o horizonte de desenvolvimentos que estimula, não apenas na sensibilidade, mas também na remodelação de todo o fenómeno da vida, permitem afinal encontrar extensões entre o pensamento de McLuhan – sob a condição de abandonarmos o seu profetismo escatológico –, os grandes temas de Innis e a decisiva reflexão actual sobre as implicações da aceleração, da implosão da mensagem no *medium* e a desubstancialização do mundo e do ser humano. José Bragança de Miranda, que tem revelado uma atenção particular às transformações induzidas pelo novo complexo tecnológico informacional, interpreta também o legado mcluhaniano desta forma, referindo a sua importância para compreender “o recobrimento de toda a experiência por redes tecnológicas, que é obscurecido pela ambiguidade com que se funda a ‘nova’ política na tecnologia digital” (2002: 207). É esta nova política que tem sido teorizada por seguidores de McLuhan como Derrick de Kerckhove e Pierre Lévy e alvo de análise e crítica cultural de uma constelação de teóricos onde se incluem, entre outros, Paul Virilio, Vilém Flusser e Hermínio Martins.

Reconstituamos, entretanto, a forma como McLuhan vislumbrou esse novo espaço, cunhado como “acústico”.

Marshall McLuhan, em “Acoustic Space” (1997 [1955]: 39-44), escrito com Edmund Carpenter, e em *The Global Village. Transformations in World Life and Media in the 21st Century* (1989), em co-autoria com Bruce R. Powers, procura apreender a nova era das relações simultâneas geradas pela electrónica – o “espaço acústico”. Este é um espaço dinâmico e em permanente fluxo que a cada instante cria as suas próprias dimensões. Acede-se a ele quando se fala ao telefone, se ouve rádio, se vê televisão ou se comunica via redes informáticas. Ao contrário do espaço físico, que separa os objectos visíveis, o sucedâneo electró-

bilité qui seraient exclusifs les uns des autres. Il est sans doute vrai que chaque époque est caractérisée par un type de sensibilité particulier: l'histoire des créations artistiques est là pour en témoigner. Mais outre le fait souvent souligné que les véritables oeuvres d'art survivent à leur époque et appartiennent à toutes les époques, on peut admettre que, sous des versions particulières, et en des proportions variables, les civilisations exercent et s'exercent toutes dans les registres les plus variés de la sensibilité.”

¹⁹Levinson alude a este paralelismo numa recensão que faz à edição e reedição de algumas das obras de McLuhan, publicada no *Journal of Communication* (1990: 170).

nico pode ser uma infinidade de lugares, tornado possível pela capacidade de ouvir, de uma só vez, o som oriundo de todas as direcções (sem direcção ou horizonte definido) e a qualquer distância dentro de limites muito vastos: quer da esquerda, quer da direita, de frente e de trás, de cima e de baixo (não faz diferença, mesmo que estejamos deitados, enquanto que no espaço visual todo o espectáculo se modifica).

Ao passo que o espaço visual é um organizado contínuo de um tipo uniforme e conectado, o mundo do ouvido é um universo de relações simultâneas. McLuhan, recordando as palavras de Jacques Lusseyran, afirma que ele passa através de nós e raramente é limitado pela densidade dos objectos físicos (1989: 37). A capacidade de ouvir simultaneamente em todas as direcções cria um espaço único invisualizável e sem fronteiras fixas, que se opõe à linearidade que toma uma coisa de cada vez. É um espaço sem fronteiras e sem centro, algo como uma “Eco-Land” (*ibid.*: 133). Característica importante desse espaço é que pode contribuir para alterar por completo o sentido comum de espaço físico, na medida em que o substituto electrónico pode estar numa infinidade de lugares simultaneamente (cf. McLuhan com Forsdale 1989: 17; McLuhan e Carpenter 1997: 39; McLuhan 1997a 123-124; Levinson 1990: 170): “O espaço acústico tem o carácter básico da esfera cujo foco ou ‘centro’ está simultaneamente em toda a parte e cuja margem não se encontra em parte alguma”²⁰ (1989: 134).

Do seu ponto de vista, o novo espaço acústico das tecnologias electrónicas conduz ao fim da história. A possibilidade de conhecimento instantâneo de toda a diversidade da expressão humana, proporcionada pelo computador, constitui uma espécie de consciência mítica de *once-upon-a-timeness* que significa todo o tempo, fora do tempo. Através dele é possível aceder simultaneamente a todos os passados, fazendo com que deixe de haver história. Tudo é presente. Na cultura electrónica, o passado deixou de ter lugar, porque todo o passado é agora: “o mundo moderno limita todos os tempos históricos tão facilmente como reduz o espaço. Qualquer lugar e qualquer idade tornaram-se aqui e agora. A história foi abolida pelos nossos novos *media*”²¹ (McLuhan 1997d: 127). O computador abole o passado para torná-lo inteiramente presente – o que torna natural e indispensável um diálogo entre culturas que é tão íntimo como o diálogo privado (cf. McLuhan e Fiore 1997 [1968]: 90). O próprio futuro já não existe porque ele está já aí. O passado, o presente e o futuro existem como um só. Deixa de fazer sentido falar geográfica ou ideologicamente num tempo ou espaço verdadeiros, porque hoje lida-se com “formas universais da experiência” (cf. McLuhan com Hoskins 1989: 160). “Penso que vivemos numa pós-história no sentido em que todos os passados que já aconteceram estão agora presentes na nossa consciência e que todos os futuros que virão estão agora aqui.

²⁰“Acoustic space has the basic character of a sphere whose focus or ‘center’ is simultaneously everywhere and whose margin is nowhere.”

²¹“The modern world abridges all historical times as readily as it reduces space. *Everywhere* and *every age* have become *here* and *now*. History has been abolished by our new *media*.”

Neste sentido, nós somos pós-históricos e intemporais (eternos)²², afirma McLuhan (*ibid.*: 168). Nada é impossível para o computador.

Mas se o computador é um dos dispositivos principais da construção do novo habitat informacional, devido ao princípio da interdependência e do *feedback* desenvolvidos pela revolução computacional, as condições para que este ambiente abrace todo o planeta só se tornaram possíveis através do sistema de satélites. Quando a 4 de Outubro de 1957, o Sputnik girou, pela primeira vez, em redor da Terra, entrou na órbita eléctrica e converteu-se no conteúdo do ambiente construído pelo homem. O novo ambiente artificial, ao aniquilar a "Natureza", tal como foi compreendida nos últimos três mil anos, lança os fundamentos para a elaboração de um novo conceito de "Natureza" ou "condição humana", capaz de transformar o "velho" planeta e a "velha" Natureza em formas de arte. A Natureza é substituída pela Ecologia, uma nova "Natureza" artificial construída pelo homem (*a new man-made "nature"*) (McLuhan e Forsdale 1989: 16; McLuhan 1989: 71). A forma de arte dominante passa a ser a roupa electrónica tecida pelo homem, cuja principal função é programar e orquestrar ambientes, não só territoriais mas também galácticos, e energias de forma cada vez mais harmoniosa. Com as novas tecnologias e linguagens electrónicas estamos perante uma obra de arte permanentemente inacabada porque susceptível de ganhar continuamente novas formas e contextos, o que possibilita, em última análise, manipular o futuro de culturas inteiras. Nas suas próprias palavras: "Desde que os novos ambientes informacionais são extensões directas do nosso sistema nervoso central, eles estabelecem uma relação muito mais profunda com a nossa condição humana do que o velho ambiente 'natural'. São uma forma de vestir que pode ser programada até produzir o efeito desejado. Quase naturalmente, apoderam-se do trabalho evolucionista que Darwin tinha visto na espontaneidade da biologia"²³ (McLuhan e Fiore 1997 [1968]: 36-37). A evolução passa a ser comandada pelo homem rumo a uma outra condição (humana?, pós-humana?, trans-humana?).

A par dos restantes meios electrónicos, o satélite completou o processo de libertação física e psicológica do homem da superfície da terra, intensificando o processo de estar em toda a parte ao mesmo tempo, iniciado pelos primeiros meios eléctricos como o telégrafo ou o telefone. O utilizador, quando conectado com o computador ("transportador de sinal eléctrico"), é traduzido em informação desincorporada que chega simultaneamente a todos os lugares. Ao poder surgir em simultâneo em todos os terminais de acesso, quer na terra, quer

²²"(...) I think that we live in posthistory in the sense that all pasts that ever were are now present to our consciousness and that all the futures that will be are here now. In that sense we are posthistory and timeless."

²³"Since the new information environments are direct extensions of our own nervous system, they have a much more profound relation to our human condition than the old 'natural' environment. They are a form of clothing that can be programmed at will to produce any effect desired. Quite naturally, they take over the evolutionary work that Darwin had seen in the spontaneities of biology."

no espaço, a informação descentraliza-se e deixa de fazer sentido falar em centro e margem. Os "centros" passam a existir em toda a parte. No tempo do super-satélite (rádios transmissores de ondas curtas de alta frequência), cada vez mais os indivíduos estarão impossibilitados de pensar meramente em termos de monopólios regionais de informação. Os satélites serão capazes de 'falar' uns com os outros e a cobertura completa conduzirá à comunicação total a baixo custo, permitindo que todos venham a participar no mercado da troca de informação. No limite, o satélite poderá vir a substituir a língua como matriz cultural, usando apenas as imagens como língua franca (McLuhan 1989: 115).

O novo habitat é, assim, o reino das ligações desincorporadas e de todas as possibilidades facilitadas pela tradução - ou redução - do mundo, da vida, do "mundo da vida", em informação, sob o signo da capacidade conceptual e operativa da tecnologia.

Da Antropomorfização da Tecnologia à Tecnomorfização do Homem

Residindo fora do sujeito, é no seu interior que os *media* se situam, diz-nos McLuhan. A unificação electrónica do mundo recobre o corpo humano e, em simultâneo, assinala um finalismo em que o universo humano se torna comunidade, algo como um "corpo social". É exactamente neste duplo sentido que a electrónica é compreendida como uma simulação da evolução do processo biológico. Por um lado, a exterioridade dos *media* encontra-se supostamente recolhida no mundo sensorial do sujeito, na medida em que este mundo não é compreendido de forma separada da corrente orgânica, técnica e social que o envolve. Os *media* estão entre os sujeitos, ligando-os, e "dentro" dos sujeitos, através da sua interiorização. Por outro lado, aquela corrente é um *habitat* cognitivo, sensorial, multiforme, originado pelo próprio homem, que se dirige putativamente para uma finalidade - o objectivo de uma comunidade humana tornada comunhão perfeita e cósmica. A tecnologia, tal como a entende McLuhan, é assim a âncora mais recente do "princípio evolucionista". Na sua visão constata-se quer uma antropomorfização da tecnologia, quer uma tecnomorfização do humano. Trata-se de algo, aliás, de que tem plena consciência: "(...) a tradicional relação entre biologia e tecnologia foi recentemente revertida: enquanto a biologia mecanicista tentou explicar as funções orgânicas em termos das máquinas feitas pelo homem, a nova ciência dos biónicos, tenta por sua vez imitar as invenções da natureza"²⁴ (cf. McLuhan e Fiore 1997 [1968]: 56).

A atenção concedida ao computador moderno, com raízes nas concepções e dispositivos electrónicos desenvolvidos entre 1937-1945 por Alan Turing

²⁴"(...) the traditional relationship between biology and technology was recently reversed: while mechanistic biology tried to explain organic functions in terms of man-made machines, the young science of bionics instead tries to imitate nature inventions."

(1912-1954) e John von Neumann (1903-1957)²⁵, revela-se de enorme importância. McLuhan define o computador como a mais sofisticada e directa extensão do sistema nervoso central (depois do telégrafo, do telefone, da televisão, etc.). É o primeiro componente dos híbridos de tecnologias *video-related* (computador, satélite, bases de dados) que reúne as condições necessárias para a deslocação do indivíduo em direcção a uma consciência universal.

A especificidade do computador assenta no modelo digital²⁶ do alfabeto binário de "sim" e "não" (onde a essência do meio está excluída). É o primeiro modelo a criar condições para que grande parte dos cálculos lógico-matemáticos atinjam o ponto de intensidade máxima - a velocidade da luz ou a velocidade de causalidade total - onde a causa e o efeito se fundem, reduzindo os números a um corpo total (os números 0 e 1 - substituem todos os argumentos e funções). A principal função do computador é acelerar quantitativamente, até ao ponto limite, a leitura, a escrita, a adição, a multiplicação e a divisão repetitiva, mantendo um elevado teor de precisão e solidez²⁷. Alcançado este ponto de máxima intensidade de processamento, o produto do computador reverte num modelo simultâneo ou espaço acústico descentralizado que liquida os processos mecânicos e as operações sequenciais. Dá-se o que o autor denomina de "reverso súbito": a simultaneidade emerge do sequencial, o acústico do visual, o mítico do histórico. A ideia de todo indivisível, de holismo constitui-se, por conseguinte, como forma predominante de pensamento. O todo recíproco resulta, assim, da simultaneidade do campo eléctrico que envolve todos os indivíduos, as suas aspirações e satisfações. Apesar de congregarem muitos elementos para o processo de inter-relação que permite simular o processo da consciência, tal como a rede eléctrica simula as condições do sistema nervoso central, um computador consciente é ainda uma extensão da nossa própria consciência, tal como um telescópio é extensão do olho (cf. 1997e [1964]: 394).

A relação que, no século XX, o homem estabelece com o computador não difere muito da relação pré-histórica com o seu barco ou a sua roda. Há, contudo, uma diferença fundamental: enquanto que as tecnologias ou extensões anteriores do homem eram parciais e fragmentárias, com a electricidade, o ser

²⁵ Apesar da noção de algoritmo remontar ao matemático árabe Mohammed Ibn Musa Abu Djefar Al-Khwarizmi, foi Turing, em 1937, que definiu as bases teóricas do algoritmo, fundamentais para a invenção do computador. A 'máquina de Turing', como ficou conhecida, deveria ser capaz de resolver todos os problemas susceptíveis de serem formulados em termos de algoritmo. O seu objectivo foi reflectir teoricamente sobre os fundamentos e limites da lógica. Von Neumann, em 1945, estabelece as coordenadas para a construção da nova máquina - o computador moderno. Ambos partilhavam de um mesmo objectivo: construir utensílios potentes de cálculo adaptados ao tratamento de uma grande variedade de problemas, e que fossem, simultaneamente, modelos próximos do cérebro humano (Breton 1987).

²⁶ A este respeito, ver Betti (1996).

²⁷ Estas qualidades ficam demonstradas na extraordinária capacidade de gravação e acumulação de dados. Veja-se, nomeadamente, o caso das bibliotecas electrónicas, que através das suas bases de dados, possuem uma capacidade de armazenagem massiva e de acessibilidade imediata. A capacidade de armazenagem do primeiro computador electrónico, o ENIAC, podia ser contida num único *microship* (McLuhan 1989: 107).

humano passa a usar o cérebro fora do crânio e os nervos fora da pele, gerando uma relação total e inclusiva que cria um novo homem. Por esta razão, McLuhan sustenta que: "a revolução computacional é muito maior do que a da roda no seu poder de remodelar a concepção humana e a organização humana. Enquanto que a roda é uma extensão do pé, o computador dá-nos um mundo onde a mão do homem nunca pôs o pé. (...) Tal como a roda é uma extensão do pé, o computador é uma extensão do nosso sistema nervoso, que existe por virtude do *feedback* ou da circularidade"²⁸ (cf. McLuhan e Fiore 1997 [1968]: 53).

Seguidores das principais teses de McLuhan, incluindo em grande medida a sua escatologia, Derrick de Kerckhove (1999 1997; 1997 1995) e Pierre Lévy (1994 1990) postularam que as novas tecnologias computacionais estão a criar uma mente do colectivo humano, uma espécie de hiper-extensão cognitiva e espiritual do cérebro humano. Kerckhove vê na realidade virtual, com o tacto simulado, uma revolução deste sentido muito negligenciado, tornando-o numa extensão cognitiva da psique. Neste espaço interior, a física quântica e a nanotecnologia estão a abrir uma nova fronteira, tão vasta como o espaço exterior. Mas, à medida que a tecnologia e a comunicação aceleram, nós abrandaremos e encontraremos a verdadeira tranquilidade. Esta tranquilidade pode preparar o cenário para uma transformação psicológica necessária porque, em derradeira instância, o poder cibertécnico implicará a obrigação do conhecimento de si próprio. Tal irá suceder devido a propriedades emergentes surgidas repentinamente quando um sistema dinâmico, interligado, atinge um dado ponto de complexidade (cf. 1997: 26-27). Segundo Kerckhove, "um sistema complexo pode comportar-se de forma semelhante a um organismo vivo e de maneiras imprevisíveis para quem o criou. A mente colectiva será posta em prática pela globalização política cujos estágios iniciais serão invisivelmente realizados pela convergência da televisão, telefones e computadores. A Internet é um embrião deste cérebro colectivo" (1997: 26-27).

Em sentido não muito distante, apesar da sua tendência humanista, e ao contrário de outro tipo de propostas teóricas que defendem a existência de uma descontinuidade entre os diversos modos de comunicação, Lévy está convicto que, no domínio da gestão social do conhecimento, a informática e o audiovisual não se distinguem na sua essência da oralidade, da escrita e da imprensa, e que, desse ponto de vista, o seu surgimento e crescente importância, contribuem de forma significativa para a complexificação e alargamento das formas de conhecimento. Em coerência, postula a crescente necessidade de imbricação, coexistência, articulação e interpretação recíproca dos múltiplos circuitos de produção e difusão de saberes (1994 [1990]).

Todavia, naquele tipo de interpretação do universo tecnológico, a evolução humana é assimilada à evolução tecnológica, subestimando a simbolização

²⁸ "(...) computer revolution is greater than that of the wheel in its power to reshape human outlook and human organization. (...) As much as the wheel is an extension of the foot, the computer is an extension of our nervous system, which exists by virtue of feed-back or circuitry."

numa tradição em que o modelo tecnológico dominante não tem alternativa e em que se evita pensar noutras possibilidades. A descontinuidade entre as técnicas antigas e a tecnologia moderna orientada pela ciência é ignorada, do mesmo modo que as tecnologias da informação surgem como um mero *continuum* de modos de comunicação. Quando as tecnologias são definidas como prolongamentos dos órgãos humanos, existe sempre o perigo de os seres humanos virem a converter-se em meros órgãos.

Bibliografia

- BALLE, Francis (1972), *Pour Comprendre les Média - McLuhan*, Paris: Hatier.
- BETTI, Renato (1996), "Analogico/Digital" in *Enciclopédia Einaudi*, vol. 27, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, pp. 410-424.
- BAUDRILLARD, Jean (2001 [1967]), "Review of Marshall McLuhan's *Understanding Media*" in Gary Genosko (ed.), *The Uncollected Baudrillard*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli: Sage, pp. 39-44.
- BOULDING, Kenneth E. (1969 [1967]), "Il est assez typique des esprits très créateurs d'enfoncer de très gros clous mais de taper toujours en peu à côté" in G. E. Stearn e Marshall McLuhan, *Pour ou Contre McLuhan*, pp. 61-69.
- BRETON, Philippe (1987), *Une Histoire de l'Informatique*, Paris: Éditions La Découverte.
- BURKE, Kenneth (1969 [1968]), "Medium as 'Message'" in Raymond Rosenthal *McLuhan Pro & Con*, pp. 165-177.
- CÁDIMA, Francisco Rui (1986), "McLuhan", *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 4, «Tecno-Lógicas», pp. 138-141.
- CAREY, James W. (1969 [1968]), "Harold Innis and Marshall McLuhan" in Raymond Rosenthal, *McLuhan Pro & Con*, pp. 270-308.
- COUCHOT, Edmond (1997), "A Arte pode ainda ser um Relógio que Adianta? O Autor, a Obra e o Espectador na Hora do Tempo Real" in Diana Domingues (org.), *A Arte no Século XXI. A Humanização das Tecnologias*, São Paulo: Editora Unesp, pp. 135-143.
- ESTEVES, João Pissarra (1988), "Do 'Medium is Message' ao Fim do Social", *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 8, «Jornalismos», pp. 155-172.
- FURTADO, José Afonso (2000), *Os Livros e as Leituras. Novas Ecologias da Informação*, Lisboa: Livros e Leituras.
- GARCIA, José Luís (2003) "Sobre as Origens da Crítica da Tecnologia na Teoria Social. A Visão Pioneira e Negligenciada da Autonomia da Tecnologia de Georg Simmel" in Hermínio Martins e José Luís Garcia (orgs.), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 92-138.
- GEHLEN, Arnold (1980 [1957]), *Man in the Age of Technology*, Nova Iorque: Columbia University.
- GORDON, W. Terrence (1997), *Marshall McLuhan: Escape into Understanding. A Biography*, Nova Iorque: Basic Books.
- KERCKHOVE, Derrick de (1999 [1997]), *Inteligencias en Conexión - Hacia una Sociedad de la Web*, Barcelona: Gedisa.
- KERCKHOVE, Derrick de (1997 [1995]), *A Pele da Cultura*, Lisboa: Relógio d'Água.
- KOSTELANETZ (1969 [1968]), "A Hot Apostle in a Cool Culture" in Raymond Rosenthal *McLuhan Pro & Con*, pp. 207-228.
- LEVINSON, Paul (1990), "McLuhan's Space", *Journal of Communication*, vol. 40, Primavera, pp. 169-173.

- MARCHAND, Philip (1998), *Marshall McLuhan - The Medium and the Messenger*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- MARCUSE, Herbert (1964), *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*, Boston: Beacon Press.
- MARTINS, Hermínio (1996), *Hegel, Texas e outros Ensaios de Teoria Social*, Lisboa: Edições Sécuro XXI.
- MARTINS, Hermínio (s.d.), "Dois Princípios Filosóficos e a Técnica" in *Cadernos do CECL*, Lisboa: CECL (texto policopiado).
- MCLUHAN, Marshall (1997a [1963]), "The Agenbite of Outwit" in Michel A. Moos (edited with commentary), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan - Essays*, pp. 121-125.
- MCLUHAN, Marshall e Edmund Carpenter (1997 [1955]), "Acoustic Space" in Michel A. Moos (edited with commentary), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan - Essays*, pp. 39-44.
- MCLUHAN, Marshall e Bruce R. Powers (1989), *The Global Village - Transformations in the World Life and Media in the 21st Century*, Oxford: Oxford University Press.
- MCLUHAN, Marshall com Hubert Hoskins (1989), "Electric Consciousness and the Church" in George Sanderson e Frank Macdonald (eds.), *Marshall McLuhan - The Man and his Message*, pp. 159-168.
- MCLUHAN, Marshall com Louis Forsdale (1989), "Technology and the Human Dimension" in George Sanderson e Frank Macdonald (eds.), *Marshall McLuhan - The Man and his Message*, pp. 12-24.
- MCLUHAN, Marshall (1997b [1967]), "The Relation of Environment to Anti-Environment" in Michel A. Moos (edited with commentary), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan Essays*, pp. 110-120.
- MCLUHAN, Marshall e Quentin Fiore (1997 [1968]), *War and Peace in the Global Village*, São Francisco: Hardwired.
- MCLUHAN, Marshall e Quentin Fiore (1996 [1967]), *The Medium is the Message*, São Francisco: Hardwired.
- MCLUHAN, Marshall (1997c), "The End of the Work Ethic" in Michel A. Moos (edited with commentary), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan - Essays*, pp. 92-109.
- MCLUHAN, Marshall (1997d), "The Culture without Literacy" in Michel A. Moos (edited with commentary), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan - Essays*, pp. 126-138.
- MCLUHAN, Marshall (1997e [1964]), *Understanding the Media. The Extensions of Man*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- MCLUHAN, Marshall (1997f [1962]), *The Gutenberg Galaxy. The Making Typographic Man*, Toronto: University of Toronto Press.
- MCLUHAN, Marshall (1989), "A McLuhan Mosaic" in George Sanderson e Frank Macdonald (eds.), *Marshall McLuhan - The Man and his Message*, pp. 1-4.
- MILLER, Jonathan (1971), *McLuhan*, Londres: Fontana Modern Masters.
- MILLER, Jonathan (1969 [1967]), "Ses Perspectives Souvent Ouvrent sur le Chaos" in G. E. Stearn e Marshall McLuhan (orgs.), *Pour ou Contre McLuhan*, pp. 233-239.
- MIRANDA, José Augusto Bragança de (2002), *Teoria da Cultura*, Lisboa: Sécuro XXI.
- MITCHAM, Carl (1994), *Thinking through Technology. The Path between Engineering and Philosophy*, Chicago: The University Chicago Press.
- MITCHAM, Carl (1988), *Qué es la Filosofía de la Tecnología?*, Barcelona: Editorial Anthropos.
- MOOS, Michel A. (edited with commentary) (1997), *Media Research - Technology, Art, Communication: Marshall McLuhan - Essays*, Amsterdam: G+B Arts International.

- ONG, Walter (1982), *Oral and Literacy: The Technologization of the Word*, Londres: Methuen.
- ROSENBERG, Harold (1969 [1967]), "Une Sorte de Whitman Attardé Chantant les Corps Électrique, avec à l'Accompagnement, Thomas Edison" in G. E. Stearn e Marshall McLuhan (orgs.), *Pour ou Contre McLuhan*, pp. 188-198.
- ROSENTHAL, Raymond (1969 [1968]), *McLuhan Pro & Con*, Maryland: Penguin Books.
- SANDERSON, George e Frank Macdonald (edts.) (1989), *Marshall McLuhan - The Man and his Message*, Golden: Fulcrum.
- STAMPS, Judith (1995), *Unthinking Modernity: Innis, McLuhan and the Frankfurt School*, Londres, Montreal & Kingston e Buffalo: McGill-Queen's University Press.
- STEARN, G. E. e Marshall McLuhan (orgs.) (1969 [1967]), *Pour ou Contre McLuhan*, Paris: Éditions du Seuil.
- SUBTIL, Filipa (2006), *Compreender os Media. As Extensões de Marshall McLuhan*, Coimbra: MinervaCoimbra.
- SUBTIL, Filipa (2003), "Para uma Teoria da Globalização *avant la lettre*. Tecnologias da Comunicação, Espaço e Tempo em Harold Innis" in Hermínio Martins e José Luís Garcia (coord.), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 287-311.
- WINNER, Lagdon (1977), *Autonomous Technology. Technics-out-of-Control as a Theme in Political Thought*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- WOLF, Mauro (1987 [1985]), *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença.